

O ÓCIO: ECOS DE SÊNECA (c. 2a.C- 65 d.C.) EM SÃO BERNARDO DE CLARAVAL (1090-1153)

Ana Gláucia Oliveira Motta

Graduanda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: anagmotta@yahoo.com.br

Palavras-chave: São Bernardo de Claraval. Sêneca. *Da Consideração*. Ócio.

Se é lícito fazer para si o que cremos mais conveniente, sempre e maximamente se deve preferir a piedade como um valor máximo, porque ela é útil para tudo. Assim irrefragavelmente mostra nossa razão. Perguntais-me o que é a piedade? Entregar-se à consideração. [...] Porque o mais pertinente ao culto de Deus é aquilo que nos pede o Salmo: ‘Cessai de trabalhar e vejais que eu sou Deus’. E por acaso não é nisso que precisamente consiste a consideração? (CLARAVAL, 2009, Livro I).

1 O *Pius Pater* do século XII

Bernardo nasceu no ano de 1090 em Fontaines-lez-Dijon. O terceiro filho do casal Tecelino e Alete, nobres da Borgonha, foi educado na Escola dos Cônegos regulares de Notre-Dame, onde entrou em contato com os grandes clássicos, desenvolveu um refinado domínio do latim e recebeu uma formação humanística, dedicando-se à retórica, gramática e dialética.

Ingressou ainda muito jovem para a Ordem Cisterciense (1113),¹ deixando para trás todo conforto e luxo de seu castelo para se dedicar a uma vida humilde, de desapego, luta e zelo. Aos vinte e cinco anos de idade, o monge foi enviado à Champagne a fim de fundar uma nova abadia em Claraval e tornando-se seu abade. Bernardo foi um dos grandes responsáveis pela expansão e sucesso da ordem.

¹ A Ordem de Cister foi fundada no começo do século XII por Roberto, abade de Molesmes. Intencionados a viver de acordo com as Regras de São Bento, seus integrantes eram divididos em dois tipos: os monges de coro, habitualmente padres, que possuíam uma boa educação e os irmãos leigos, que cultivavam os campos. Sendo assim, a Ordem possibilitava a muitos homens de família simples, a oportunidade e ingressar para a vida religiosa. Cister buscava sua auto-suficiência e por isso mantinha em suas terras o cultivo agrícola e rebanhos. Por volta de 1099, Roberto retornou à Molesmes e deixou a abadia sob a administração de Alberico (1099-1100) - período em que a Ordem Cisterciense foi reconhecida pelo papa. Anos mais tarde, sob a direção de São Bernardo de Claraval, Cister prosperou rapidamente, e em 1132 possuía filiais na França, Alemanha, Espanha, Itália e Inglaterra. Ver mais informações em: LOYN, Henry. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 94.

Em suas cartas, discursos e liturgias eram frequentes o uso de analogias, metáforas e jogos de palavras cuidadosamente estruturados. Sua obra foi propagada por diversas regiões, dirigidos aos mais diversos públicos, desde amigos até nobres e papas. As Sagradas Escrituras irrompem de suas palavras. É possível perceber também uma forte influência de escritores clássicos como Aristóteles (384 a.C.-322a.C.) e Sêneca (c. 2 a.C.-65 d.C.).

Mediador, pai espiritual, irmão, São Bernardo soube ser enérgico e doce, cada qual em seu momento. O *Pius Pater*, como também é conhecido, influenciou muitos pensadores, contemporâneos e posteriores, não somente por seus sábios conselhos, pela escrita ou sua fibra, mas também por seu testemunho de vida.

2 De Consideratione (1149-1152): Uma obra e uma questão.

A principal fonte desta pesquisa é o Livro I do Tratado *Da Consideração*. Ele, como um todo, foi elaborado por São Bernardo de Claraval entre os anos de 1149 e 1152, sendo encerrado um ano antes de sua morte. Está organizado em cinco livros: o primeiro é formado por onze capítulos; o segundo, quatorze; o terceiro, cinco; o quarto, sete; o quinto e último, por quatorze. A obra é constituída por cartas exortativas destinadas ao papa Eugênio III (1145-1153)² a pedido do próprio.

O Livro I trata especificamente das novas funções de Eugênio III como Papa, e a importância da consideração para que ele não se afaste do caminho santo. Bernardo aconselhou o pontífice a se deixar levar pelos assuntos seculares e litígios com os quais era agora obrigado a conviver. Destacou os perigos do dia-a-dia junto aos advogados e ambiciosos, e da acomodação originada pelas tarefas excessivas do cotidiano.

O santo enfatizou também que o papa não deveria se esquecer dos pobres e fracos, pois são eles quem mais merecem a atenção de Eugênio III. A carta em questão chama a atenção de Eugênio para a necessidade de cativar as sete virtudes cardeais.³

Para o Cisterciense há importância nos momentos de descanso, mesmo que curtos, destinados à consideração: um bom homem nunca deve agir sem pensar, por isso a

² Pier Bernardo Paganelli, nasceu em Montemagno. Filho de família abastada e cristã, ingressou na Ordem de Cister em 1135, onde se torna discípulo de Bernardo de Claraval. Em 1145, foi eleito papa sob o nome de Eugênio III. Dois anos mais tarde, encarregou seu antigo confrade e mestre, Bernardo, de pregar durante a segunda Cruzada. Convenceu também alguns nobres, como Conrado III (1093-1152), a fazer parte desta peregrinação armada. Eugênio III governou a Igreja por oito anos e cinco meses, vindo a falecer no ano de 1153. Foi beatificado em 1872.

³ As virtudes cardeais, ou seja, principais, são quatro: prudência, fortaleza, justiça e temperança. Foram concebidas por Platão em *República* e posteriormente assimiladas pela Igreja Cristã. Ver mais em: SCHÜLER,

necessidade de meditar o passado, presente e futuro, pois só assim o Pontífice poderia se manter justo e desempenhar sua função a favor do bem.

Os escritos de Bernardo dedicavam-se, na maioria das vezes, a edificação do ser. As cartas eram comuns na Idade Média. Deveriam seguir uma espécie de “modelo”: eram lidas em voz alta ou publicadas. Logo, as opiniões expressas não se destinavam apenas a quem se remete.⁴

No Livro I, capítulo III intitulado *A infinitude e a indignidade de tuas ocupações*, Bernardo chama atenção ao aconselhar Eugênio III que tire para si um momento de ócio. Ora, mas como o abade pode incitar ao ócio sendo ele um veemente defensor das Regras de São Bento⁵ e do *ora et labora* (ora e trabalha)?

3 São Bernardo de Claraval e o Ócio.

Entende-se por ócio o momento vago de trabalho destinado a alguma ocupação agradável que vise um repouso. Hoje em dia este conceito está muito ligado à preguiça. Para compreender melhor então o conselho de Bernardo, vejamos uma citação do capítulo IX intitulado *A malícia de nossos dias*:

Se tomarmos o exemplo dos bons, não os mais recentes, encontraremos sumos exemplos de pontífices romanos que foram capazes de descobrir espaço para o ócio santo, embora estivessem imersos nos assuntos mais delicados. Era iminente o assédio da urbe, e a espada dos bárbaros caía sobre o pescoço de seus habitantes quando o beato papa Gregório não interrompeu seu ócio para redigir seus sábios comentários. E foi justamente nessa obscura circunstância, como se deduz do Prefácio, que ele diligente e elegantemente redigiu a última parte de seu tratado sobre Ezequiel (CLARAVAL, 2009, Livro I).

O santo apresenta aí um tipo específico de ócio que ele denomina de “ócio santo”.

Arnaldo. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. Canoas: ULBRA, 2002, p. 479. Em São Bernardo as virtudes possuem uma conexão harmônica.

⁴ COSTA, Ricardo da; SEPULCRI, Nayhara. “Querer o bem para nós é próprio de Deus. Querer o mal só depende de nosso querer. Não querer o bem é totalmente diabólico”: São Bernardo de Claraval (1090-1153) e o mal na Idade Média. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 2., 2007, Belo Horizonte. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso em: 22 mar. 2009.

⁵ Criada por São Bento de Núrsia (c.480 – c.550), a Regra de São Bento pretendiam ditar como deveria ser organizada a vida dentro dos mosteiros. Esta obra é constituída de um prólogo e 73 capítulos. São Bento defende a pobreza pessoal e a obediência como condições essenciais para a vida de um monge. Os mosteiros deveriam ser uma espécie de escola, onde aos homens aprenderiam a melhor forma de servir a Deus. Para tanto, o dia monástico era organizado entre momentos de orações comunitárias, trabalhos manuais e leituras. LOYN, Henry. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 45-46.

Segundo Bernardo, o papa Gregório mesmo sob um ataque bárbaro, não se deixou abalar e permaneceu em seu momento de retiro das obrigações papais redigindo o tratado sobre Ezequiel, que serviria para edificar seu povo, quem sabe até os invasores, às gerações futuras e, porque não dizer, também o próprio Gregório. Esse “ócio santo” então não negligente e apático, mas de oração, contemplação, consideração e edificação, não apenas de si, mas de todo e qualquer homem.

O abade sentia pesar quando não podia auxiliar seus confrades nas tarefas manuais, devido às cartas ou sermões que era solicitado a escrever, porém cumpria sua missão com muito amor e humildade. Ele não defende um afastamento total das tarefas, pois a preguiça é inimiga das boas obras e o trabalho é honroso, tornando o homem útil a si e aos outros. Por isso Bernardo defendia o equilíbrio entre as “artes mecânicas” e o “ócio santo”.

4 Um diálogo entre Bernardo e Sêneca

Lúcio Aneu Sêneca foi um dos grandes filósofos da antiguidade que deixaram seu legado para a Idade Média influenciando assim os pensadores medievais e também São Bernardo de Claraval.

Representante da “filosofia vivida”, Sêneca desenvolveu seu pensamento através de sua experiência de vida e espiritual. Para ele Deus é único, modelo de todas as virtudes, onde reside o único bem. Voltado para o bem universal, o único objetivo do homem é ser útil aos demais, buscando a sapiência através da ascese, das virtudes, da busca pela autonomia interior. Seu pensamento está muito ligado à tradição escolar helênica e romana.

O filósofo nasceu por volta do ano 2 a.C. em Córdoba, mudou-se com a família para Roma dois anos depois. Sua instrução se deu entre retóricos e filósofos. Ainda na adolescência entrou em contato com o estóico Átalo, com Sócion e Papírio Fabiano que defendia a idéia de que um homem para ser feliz precisava de muita coragem e energia.

Devido à fragilidade de sua saúde, viajou para o Egito em 26 onde viveu com seu tio. Interessa-se muito pela geografia, religião e política do lugar. Após fazer um tratamento e restabelecer sua saúde, voltou para Roma e para vida política no foro, onde, graças a um discurso que realizou em 39, ganhou a antipatia de Calígula.

Devido a alianças que fez em sua na vida política e sob a acusação de adultério, acaba sendo exilado em Córsega onde permanece por aproximadamente 8 anos. Sêneca dedica-se não aos estudos e a produção de obras. Em 49 volta para Roma a pedido de Agripina, tornando-se preceptor de Nero e posteriormente seu conselheiro. Já no poder, Nero perde cada

vez mais o equilíbrio moral e psicológico, mandou assassinar a própria mãe e entregou-se aos vícios e prazeres mundanos. Desiludido com esses acontecimentos, Sêneca retira-se, em 62, para uma vida mais isolada, longe da política, do foro, enfim vida pública. Mesmo distante, a oposição consegue envolvê-lo na Conjuração de Pisão e por ordem de Nero é executado em 65.

O ócio é um tema muito recorrente na obra de Sêneca. É possível perceber no conceito de “ócio santo” apresentado por Bernardo de Claraival no Tratado *Da Consideração*, ressonâncias da concepção de Sêneca sobre o ócio e a consideração.

Investiguemos como é que a alma possa caminhar, com passo igual e progressivo; como ver tudo com alegria, sem que tal gozo se interrompa porquanto persiste plácido, sem exaltação nem abatimento. Eis o que é tranquilidade. Procuremos, em geral, saber como alcançá-la. Tu então tomarás, a teu gosto, desse remédio universal. Ao submeter esse mal-estar, por inteiro, a exame, cada um descobre a parte que, de fato, toca a própria pessoa (SÊNECA, 1997, p. 35).

Além disso, será que há algo mais útil para tudo, que saber antecipar-se benignamente à própria ação, ordenando de antemão o que se deve fazer mediante uma eficaz previsão? Isso é necessário. Do contrário, coisas que poderiam ter sido previstas e premeditadas com vantajosa antecipação, são levadas a cabo com muito risco por serem feitas com precipitação. (...) É a consideração quem põe ordem no que está confuso, concilia o incompatível, reúne o disperso, penetra no secreto, encontra a verdade, examina a similitude de verdade e explora o fingimento dissimulado (CLARAIVAL, 2009, Livro I).

Para Sêneca investigar a própria alma, conhece-la é o caminho para a tranquilidade e esta por sua vez é o melhor de todos os remédios. E não isso também que afirma Bernardo? Consideração é uma investigação, é conhecer-se e antecipar-se evitando problemas que trazem confusões e inquietude para o homem. E o que leva à consideração?

Ao dedicar-te ao estudo da Natureza só motivado pelo prazer, nada dela pedindo senão a mera contemplação, sem colimar outro objetivo, então ela já é o deleite com seus atrativos. Eis que a isto te respondo: Iguamente importa saber com qual intenção te dedicas à vida pública, se é para estar sempre inquieto e sem sobra de tempo para volver os olhos das coisas humanas para as divinas (SÊNECA, 1997, p. 102).

Pode haver algo mais servil ou indigno de um sumo pontífice que morre por esses negócios e pessoas, e nem digo a cada dia, mas a toda hora? Assim, qual tempo nos resta para orar? Quantas horas reservamos para doutrinar os povos? Como edificamos a Igreja? O quanto meditamos a Lei? É justo que trates diariamente no palácio as leis de Justiniano e não as do Senhor? (CLARAIVAL, 2009, Livro I).

O primeiro ponto que responde tal pergunta é: voltar-se para Deus e sua criação. Em segundo lugar a consideração permite um autoconhecimento, que rega paz para a alma, maior domínio e clareza de consciência sobre os próprios atos. Para um homem cristão que busca o caminho da salvação tudo isso é fundamental. E no caso de Eugênio III mais ainda, pois ao torna-se papa ele passa a ser também juiz e guia que influencia diretamente a vida de outros homens.

E o ócio? O que tem haver com a consideração?

Com que intenção o sábio se retira para a solidão do descanso? É para saber que, também ali, tem que praticar aquelas ações que são de proveito para toda a posteridade. Somos nós, por certo, que dizemos que tanto Zenão como Crisipo realizaram coisas mais grandiosas do que comandar exército, desempenhar cargos públicos, promulgar leis (SÊNECA, 1997, p. 102).

Para quem não és um estranho se o és para ti mesmo? Para quem é bom aquele que é cruel consigo mesmo? Não te digo para que sejas sempre, nem te digo para que sejas pouco, mas pelo menos alguma vez que tu te voltes para ti mesmo (CLARAVAL, 2009, Livro I).

Um homem atormentado por tarefas, por deveres cotidianos cai no comodismo, na preguiça de pensar. Faz-se necessário então que ele se afaste de tudo isso, que limpe sua mente de todos os problemas para enfim conseguir organiza-la. O ócio torna-se então o meio propício para a consideração plena.

Ao retirar-se, seja onde for que acolha seu repouso, o indivíduo envidará por ser útil a todos e a cada um em particular, mediante o seu talento, palavra e conselho. Pois não é só útil para o bem comum quem promove candidatos, defende acusados, opina acerca de questões de guerra e de paz. Exortar a juventude, num tempo tão carente de bons professores de moral; incentivar os corações para a virtude; retrair quem se lança na busca do dinheiro e da luxúria e, na carência do melhor, retardar, ao menos, a queda, tudo isso já é agir em proveito do bem privado e público (SÊNECA, 1997, p. 40).

Se tu dedicas toda a tua vida e todo o teu saber às ações e não reservas nada à consideração, poderia eu felicitar-te? É por isso que não te felicito. E ninguém que tenha escutado o que Salomão disse – “Aquele que modera sua atividade se tornará sábio” – pode fazê-lo, pois até as mesmas ocupações sairão ganhando se forem acompanhadas por um tempo dedicado à consideração (CLARAVAL, 2009, Livro I).

Esse ócio então não é vazio, mas sim produtivo. É no ócio em que se edifica a alma. Só tendo propriedade de si mesmo que o homem pode ser útil e ajudar ao próximo, ato indispensável para um cristão.

Há por fim um último ponto sobre o ócio que Sêneca e Bernardo propõem.

Por conseguinte, o melhor mesmo é temperar o repouso com a ação, sempre que essa não for embargada por impedimentos acidentais ou por circunstâncias políticas. Em todo caso, jamais as múltiplas alternativas serão interceptadas de modo a não haver espaço para a prática de alguns gestos de virtude (SÊNECA, 1997, p. 44).

Um dia passa a outro seus pleitos e a noite traz à noite sua maldade. Assim te falta tempo para respirar a bondade ou mesclar o trabalho com o descanso, e menos ainda um intervalo de ócio, mesmo que seja curto. Sei que tu também o deploras, mas inutilmente, se não fazes todo o possível para remediá-lo (CLARAVAL, 2009, Livro I).

Equilíbrio. Essa é a condição fundamental para que o ócio se torne útil ao homem. Temperar e mesclar trabalho e repouso faz com que o homem possa praticar as virtudes, executar seus deveres contemplar e servir a Deus de forma mais completa.

5 Conclusão

Para São Bernardo todo desconhecimento é reprovável, principalmente o que compreende a ignorância de si mesmo e de Deus. Por isso ele defende com tanta veemência a importância da consideração. Esta requer tempo e é através do “ócio santo” que ela encontra este tempo para existir. O ócio possibilita momentos em que o homem pode voltar-se para si mesmo e para a criação de Deus; corrigir os equívocos, adquirir auto-conhecimento, aproximar-se das virtudes, de Cristo e do caminho da salvação.

Nesta concepção de São Bernardo se pode perceber em inúmeros momentos ecos das obras de Lúcio Aneu Sêneca que defendia uma vida retirada dedicada a compreensão do homem e do universo, tornado-se útil através da propagação das virtudes e da moral.

Longe de qualquer apatia ou comodismo, o “Ócio Santo” é trabalho em prol da alma humana, da busca pelo equilíbrio e do caminho da salvação.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Metafísica. Ética a Nicômaco. Poética*. (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos Monges de Maredsous. 27. ed. São Paulo: Ave Maria, 2000.

CLARAVAL, São Bernardo de. *Da Consideração*. Livro I. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso em: 22 mar. 2009.

COSTA, Ricardo da. A Ciência no Pensamento Especulativo Medieval. In: DIA DE DARWIN NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – COMEMORAÇÃO DO BICENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE CHARLES DARWIN, 2009, Vitória. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso em: 22 mar. 2009.

COSTA, Ricardo da; SEPULCRI, Nayhara. “Querer o bem para nós é próprio de Deus. Querer o mal só depende de nosso querer. Não querer o bem é totalmente diabólico”: São Bernardo de Claraval (1090-1153) e o mal na Idade Média. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 2, 2007, Belo Horizonte. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso em: 22 mar. 2009.

DUBY, George. *São Bernardo e a Arte Cisterciense*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LAUAND, Luiz Jean. O Contraponto Cristão - Bernardo de Claraval e o Sermão sobre o Conhecimento e a Ignorância. *Special Collections*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/>>. Acesso em: 22 mar. 2009.

LOYN, Henry. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MARCHIONNI, Antônio. As artes mechanicæ como via para o conhecimento de Deus em Hugo de São Vítor e São Bernardo. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v. 60, p. 661-685, 2004.

NÚRSIA, São Bento de. *Regra de São Bento*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso em: 22 mar. 2009.

SANTOS, Luis Alberto Ruas. *Um monge que se impôs a seu tempo: pequena introdução com antologia à vida e obra de São Bernardo de Claraval*. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2001.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *A tranquilidade da alma e A vida retirada*. São Paulo: Escala, 1997.

SOUZA, José Antônio de C. R. de. Bernardo de Claraval e Bonifácio VIII nos 850 anos da morte do primeiro e 700 anos do segundo. *Theologica*, Braga, v. 38, p. 121-131, 2004.

_____. O poder papal no Livro III do Tratado sobre a Consideração de Bernardo de Claraval. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v. 60, p. 601-620, 2004.

VILA-CHÃ, João J. Sapientia Dei – Scientia Mundi: São Bernardo de Claraval e o pensamento do seu tempo. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v. 60, p. 547-553, 2004.